

Análise do Discurso: Um Aporte à Teoria das Organizações

Vinicius Dornelles Valent e Luciana Iost Vinhas

Resumo

O presente trabalho apresenta elementos da Análise do Discurso da linha francesa, na esteira de Michel Pêcheux, que podem ser aplicados à Teoria das Organizações. Expõe-se a influência da ideologia na comunicação do conhecimento científico e como a Teoria da Análise do Discurso pode ajudar na identificação das camadas discursivas em contexto organizacional. Em seguida, é abordada a importância dos conceitos e dos fundamentos metodológicos, tanto no modo de agir do analista do discurso quanto na ação gerencial. Aplicando-se a Análise do Discurso no meio organizacional, são tecidas algumas considerações de como o uso da ideologia pode mitigar os conflitos de interesse neste contexto.

Palavras-chave

Análise do Discurso. Teoria das Organizações. Ideologia. Conceito.

Abstract

This paper presents elements of the French Discourse Analysis, based on principles outlined by Michel Pêcheux, which can be applied to Organizational Theory. It exposes the influence of the ideology upon the communication of scientific knowledge and how Discourse Analysis Theory can help to identify discursive layers in organizational context. Then, it is discussed the importance of such concepts and methodological foundations, both in discourse analyst's procedures and in management action. By applying Discourse Analysis in the organizational environment, some light can be shed on how the use of ideology can mitigate interest conflicts within this context.

Keywords

Discourse Analysis. Organization Theory. Ideology. Concept.

INTRODUÇÃO

Uma organização pode ser entendida, na perspectiva endógena, como uma arena onde atores sociais interagem por meio da fala (MORGAN, 1996). É um espaço, onde as margens de atuação política variam de acordo com a amplitude de poder investido a cada pessoa (MOTTA; VASCONCELOS, 2002). Nesse movimento, acontece a comunicação. Ela é considerada “um dos elementos essenciais no processo de criação, transmissão e cristalização do universo simbólico de uma organização” (FLEURY; FISCHER, 1996, p. 24). A partir dela, formam-se canais ou as chamadas redes que ligam pessoas, organizações e sociedade. Nessa perspectiva, a Teoria das Organizações (TO), tanto no âmbito da Gestão de Pessoas quanto da Cultura Organizacional, procura explicar essa dinâmica das relações existentes no mundo do trabalho. Nesse sentido, entende-se que as relações de poder, uma vez identificadas e descritas, poderão ser melhor compreendidas se submetidas a uma análise do discurso. Entende-se por discurso uma “sequência verbal oral ou escrita de dimensão variável, em geral superior à frase” (PÊCHEUX, 2010, p. 180). Expresso em diferentes formas de comunicação, ele vai além do uso natural da linguagem (ato de fala). É possível, por meio de uma análise do discurso, revelar o lugar de onde as pessoas falam e fornecer indícios da ideologia que os interpela, o agir desta ou daquela maneira. Interpretar o discurso consiste em explicar diferentes formas de relatar e entender fatos e fenômenos do cotidiano nas organizações à vida associada. Com base nessa análise, pode-se avançar sobre os meios de comunicação formais e informais existentes nas organizações para desvendar o componente ideológico dominante nas relações de poder. Na estrutura organizacional, é possível fazer uma análise entre níveis hierárquicos, grupos de trabalho, equipes, sistemas, plantas e organizações diferentes.

No presente artigo, a opção teórica foi pela Análise do Discurso (AD) na linha de origem francesa de Michel Pêcheux, abrangendo as três épocas por ele apresentadas. A conexão multidisciplinar estabelecida, entre a Teoria das Organizações com ênfase na Cultura Organizacional, buscou, na teoria de Pêcheux, identificar, na linguagem usual, a carga ideológica veiculada em conceitos-chave empregados nas relações de trabalho. Um exemplo pode ser o próprio conceito de trabalho, variável desde a visão individual das pessoas à dimensão macroeconômica do modo de produção vigente. Nessa linha, o artigo objetiva apresentar uma alternativa de análise da ideologia que sustenta as relações de poder nas organizações e como ela pode ser aplicada para diminuir os conflitos de interesse intraorganizacionais. Tais relações transparecem nos sistemas de comunicação organizacionais, envolvendo elementos básicos da AD, tais como a língua, o sujeito e sua história. Como contribuição para outros estudos, depreende-se que a Análise do Discurso pode contemplar questões internas do uso de poder nas organizações e ainda em seu círculo relacional na sociedade.

A COMUNICAÇÃO NO CONHECIMENTO CIENTÍFICO E NAS CONCEPÇÕES DE IDEOLOGIA

O conhecimento científico é um ponto de partida para compreender a intervenção humana no mundo moderno. A ação não acontece de maneira direta, mas por meio de instrumentos

e ser comunicável é um de seus requisitos básicos. Reforçando este argumento sobre o modo de agir humano, Marx (2009 *apud* VOLPE, 1984) explica o papel desempenhado pelo homem ao utilizar-se de instrumentos no domínio da natureza. Nesse modo de agir, ele modifica-a e submete-se às próprias modificações feitas. A seguir, vai fazendo ciência em benefício próprio – pode tornar-se sujeito de si – e vai alterando a natureza, enquanto difunde sua obra ao longo do tempo e faz a História.

Nessa trajetória do trabalho, surge o conhecimento científico. Enquanto componente da Ciência, este conhecimento é entendido como um conjunto organizado de saberes relativos a determinado objeto, especialmente obtido mediante a observação, a experiência dos fatos e um método próprio (DORNELLES, 2006). Este conceito, Chauí (1995, p. 278) complementa explicando que a Ciência, além de reunir todos os níveis de conhecimento, “é a confiança que a cultura ocidental deposita na razão como capacidade para conhecer a realidade”.

A Teoria de Pêcheux admite a divisão comtiana entre ciências naturais e ciências humanas, porque cada uma corresponde a determinado universo. No entendimento desse autor, as ciências naturais correspondem ao universo logicamente estabilizado, enquanto o universo das ciências humanas é aquele das formulações irremediavelmente equívocas. Ele justifica sua opção pelo segundo universo ao afirmar que a Ciência não pode ser compreendida como explicação fiel da realidade de todos os fenômenos, sobretudo, por ela ser uma prática determinada ideologicamente. Nesse fundamento, são apresentadas as noções de ideologia e de discurso. Para ele, nenhuma prática humana foge de determinações sócio-histórico-ideológicas, inclusive as práticas científicas (PÊCHEUX, 2006).

Na argumentação de Pêcheux, prática científica e prática política não se podem separar (GRIGOLETTO, 2005). Porém, há que considerar a separação que acontece via ideologia dominante. Ela atribui à Ciência o papel de verificadora das realidades, desatrelada do político que a determina. O fazer científico torna-se, na realidade, mais idealista que, propriamente, materialista, pois a Ciência representa interesses que não são em maioria da sociedade (ZANDWAIS, 2005).

Nesse cenário, a Cultura Organizacional investiga fatos e fenômenos da vida cotidiana das pessoas nas organizações, suas relações sociais e seus vínculos com a sociedade. Para tanto, os problemas identificados poderão ser mais bem explicados caso os elementos ideológicos presentes forem contemplados em suas análises (SOUZA; HONÓRIO, 2013).

Para interpretar ideologia, a literatura disponibiliza vários conceitos. Na forma clássica, segundo Marx e Engels (2009), a ideologia expressa-se como uma ligação necessária entre as formas “invertidas” de consciência e existência material do homem. Os autores afirmam que, dessa distorção do pensamento, originam-se e emergem as contradições sociais. No entanto, o conceito de ideologia, de acordo com Bobbio (1993), foi revisado ao longo do tempo e adquiriu novos significados, sobretudo, por autores frankfurtianos como Jürgen Habermas e seus seguidores.

Althusser (1989) categoriza a ideologia em duas: geral e específica. Na primeira, a função da

ideologia é garantir a coesão na sociedade. A segunda, sobrepondo-se à primeira, tem por função assegurar a dominação de uma classe. Para o autor, a ideologia pode desempenhar, ao mesmo tempo, ambas funções, na medida em que esta é uma representação imaginária dos indivíduos e, também, os constitui como sujeitos que aceitam seu papel dentro do sistema de relações de produção.

Complementando – com a evolução do conceito – de acordo com Geuss (1988 *apud* DORNELLES, 2006), podem ser atribuídos à ideologia os seguintes sentidos: descritivo (antropologia), pejorativo (dominação), positivo (visão de mundo). Há ainda, um quarto sentido, oriundo da Escola de Frankfurt do pós-guerra e chamado de *Ideologiekritik*. Ele é compreendido como um empreendimento cognitivo, próprio para fazer a crítica radical da sociedade, bem como de sua ideologia.

Michel Pêcheux expandiu seus estudos sobre a ideologia e agregou novas disciplinas a sua teoria do discurso. Com tal união, o autor apresentou à comunidade científica da década de 1960 uma nova compreensão do funcionamento da ideologia. Para ele, a ideologia não pode ser concebida fora de uma relação com a história, o sujeito e a língua (FONTANA; SCHROEDER; LESIKO, 2008).

A TEORIA DA ANÁLISE DO DISCURSO DE PÊCHEUX

A Análise do Discurso – dispositivo teórico-analítico desenvolvido por Pêcheux – surgiu para resgatar a contradição, enfatizando sua importância no estudo da atual sociedade do trabalho. Seu foco passou a ser o discurso, que segundo ele, é a materialização da ideologia. O discurso vigente é acessado por meio da linguagem. Assim, não existe linguagem sem discurso e, tampouco, discurso sem ideologia (ORLANDI, 1994).

No desenvolvimento de sua abordagem teórica, Michel Pêcheux passou por três épocas (MARTINS E SILVA, 2003). Na AD-1 (como foi chamada a primeira época), é possível identificar um comportamento que interpreta conteúdo. Nesta, a intenção foi desconstruir o conteúdo político das análises apresentadas pela ciência linguística vigente. A AD-1 resume-se a um estudo do discurso por meio de uma maquinaria discursivo-estrutural. Tal maquinaria configura o processo de produção discursiva como autodeterminado e fechado. Nesse sentido, os sujeitos acreditam ser produtores de seus discursos, porém não passam de servos assujeitados destes (PÊCHEUX, 2010).

Como a AD-1 foi um momento de *esboço* da teoria, a sua ordem é rígida, guiada por meios matemáticos pré-estabelecidos. Michel Pêcheux e Phillipe Duval utilizam-se da informática para elaborar uma linha de programação – em linguagem FORTRAN IV. Tal linha (algoritmo) analisa discursos autônomos, baseada nas relações binárias das palavras. A língua natural é seu alicerce e constitui-se de um espaço multifacetado e de complexa ligação de processos discursivos. Na formulação de sequências discursivas (as falas dos sujeitos), o objetivo está em detectar e construir lugares com identidades expressas em situações diferentes (LAMPOGLIA; SILVA; ROMÃO, 2010). O traço marcante da AD-1 é o fechamento do espaço discursivo. Nesse sentido, a formação discursiva é compreendida

como um bloco homogêneo de saberes (TEIXEIRA, 1997).

No entanto, há uma concepção de que o texto não é separado de seu contexto de produção. Assim, surge a fase de transição. Nela, Pêcheux (2010) abandona a corrente de pensamento estruturalista, norteadora da AD-1. Com isso, a dominação pela máquina discursiva de assujeitamento para análise das comunicações entre os sujeitos não é mais a condição principal.

Começa a surgir, então, a segunda época: AD-2, voltada para novos objetos. Sua teoria evoluiu, indo além de um dispositivo vinculado à informática. Em 1975, Pêcheux e Fuchs articulam os conceitos de formação discursiva e formação ideológica (INDURSKY, 2005).

Sob esse novo plano, as relações entre as pessoas, carentes de maior reflexão, revelam desigualdades de força nos processos discursivos. Pêcheux (2010) utiliza-se da noção de formação discursiva, de Michel Foucault, para romper as barreiras estruturais impostas pela máquina fechada em si mesma. A Formação Discursiva (FD) é definida como um espaço aberto, que se choca com outras formações discursivas oriundas de lugares diferentes.

Quando uma FD incorpora outra, surge uma evidência discursiva fundamental: o chamado discurso pré-construído. Caso o choque resulte em repulsa recíproca das FDs, ambas adquirem evidência discursiva fundamental, originando o discurso transversal (BRANDÃO, 2004). Discurso transversal articula, em relação direta, a parte com o todo; a causa com o efeito; o sintoma com o que ele designa (PÊCHEUX, 2009).

A abertura da FD revela a existência necessária de algo exterior, com maior dimensão e abrangência, é o “todo complexo com dominante” de Pêcheux (2009, p. 149). A este “exterior específico”, que abrange as formações discursivas das pessoas ou grupos, o autor chamou de interdiscurso. A noção de interdiscurso, em Pêcheux (2010, p. 310), ao funcionar como lugar externo à formação discursiva, entra com ímpeto nessa formação para “construí-la em lugar de evidência discursiva, submetida à lei da repetição fechada”. Quando isso acontece, surge uma relação paradoxal do arrojo de um “além” exterior e anterior.

Em termos de inovação, a AD-2 apresenta a noção de interdiscurso. Com isso, tal época admite, hipoteticamente, um procedimento que determina as relações internas necessárias ao texto. Por ser um momento de transição, é considerado um período de novas descobertas, concernentes, sobretudo, à relação entre língua, psicanálise e política. Isso fica evidente na afirmação de Mالدیدier (2003, p. 57): “A teoria aí aparece às vezes como que diretamente governada pela política. [...] Michel Pêcheux, com os althusserianos, conduz resolutamente a batalha teórico-política contra o reformismo”. É nesse espaço que a teoria do discurso adquire firmeza em discutir o político na relação com o linguístico. Condição essa que garante a especificidade da Análise do Discurso.

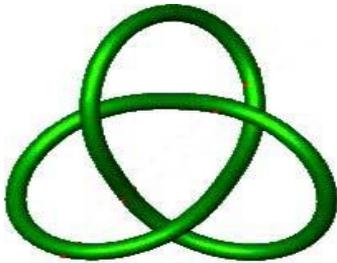
A partir de então, surgiu a terceira época – AD-3. Gradativamente ela começou apresentando um novo elemento: a anexação da semântica ao discurso. Nessa fase, Michel Pêcheux desenvolveu uma reflexão mais elaborada – incluindo a questão do sujeito – na relação entre ideologia e inconsciente. Como contribuição teórica, ele admite que não há ritual

sem falhas. É necessário questionar se a ideologia dominante consegue dominar bem as ideologias dominadas (MALDIDIER, 2003), ou se esse ritual de dominação do sujeito possui falhas. Assim, com a retomada das noções de Althusser (VINHAS, 2009), passam a ocorrer reformulações no conceito de sujeito da análise de discurso.

Althusser faz entender que não é possível escapar das injunções da ideologia dominante e tal lição é difícil de aceitar (MALDIDIER, 2003). Entretanto, a retificação instaurada por Pêcheux admite haver falhas nesse processo de submissão do sujeito, no qual a estrutura que permite subverter o ritual da interpelação é o próprio inconsciente. Por meio dele, afloram atos falhos, o *witz*, lapsos e sonhos, entendidos como sintomas de manifestação do inconsciente dentro da teoria psicanalítica freudiana (CUNHA, 2010). O verdadeiro sujeito emergirá no discurso, pois o sujeito do inconsciente possui potencial para tanto. Nesse ponto, a perfeição de dominação da ideologia evocada por Althusser apresenta suas falhas (PIMENTEL, 2010). Nenhum sujeito pode ser dominado o tempo todo, existe um limite para tal condição.

Com essa abordagem, a AD-3 é a última instância de desenvolvimento da teoria de Pêcheux. O nó borromeano da FIGURA 1, parece ser a representação de maior identidade teórica com essa terceira época da Análise do Discurso.

Figura 1 – Nó borromeano



Fonte: LYRA, 2012

O fato de o nó borromeano conter o dentro e o fora permite representar a união entre ideologia e inconsciente. Tanto a ideologia como o inconsciente estão ligados e articulados na língua, não sendo possível identificar um ponto de interrupção. Agora, não somente a estrutura é levada em conta. Ela agrega um fator exterior à língua: o acontecimento. Os acontecimentos, por sua vez, formam a história. Em decorrência disso, novas questões sobre a construção teórica começam a emergir, envolvendo a língua, o sujeito e a história.

A IMPORTÂNCIA DO CONCEITO E DA BASE METODOLÓGICA

A Análise do Discurso formulou, ao longo de sua constituição, conceitos que são fundamentais à descrição e à interpretação dos processos discursivos. Três desses conceitos

constituem o tripé desse dispositivo teórico-analítico: a língua, a história e o sujeito. Ao longo das três épocas de sua constituição, foram sendo acrescentados novos elementos para a compreensão desses conceitos. É possível afirmar que, a AD tem, à sua disposição, um conjunto de conceitos (FERREIRA, 2003). Este conjunto, que dependendo do objeto de análise do estudo, faculta ao pesquisador acionar uns e não outros. No entanto, ele não pode deixar de tratar: língua, sujeito e história, porque os três conceitos constituem a base para a emergência do conceito de discurso.

Em 1969, na apresentação de sua obra – Por uma Análise Automática do Discurso – posteriormente conhecida como AAD-69, o conceito de discurso, segundo Pêcheux (2010, p. 109) era a “sequência linguística limitada por dois brancos semânticos e que corresponde a condições de produção discursivas definidas”. Ao longo de seu trabalho teórico-analítico, Pêcheux, à medida que avança nas reflexões, apresenta novas definições do termo “discurso”. Em 1975, com Catherine Fuchs, elabora o texto “A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas”, com novas reformulações. É possível entender o discurso como uma “sequência verbal oral ou escrita de dimensão variável, em geral superior à frase” (PÊCHEUX, 2010, p. 180). Entretanto, a definição de discurso que mais circula entre os analistas de discurso é: efeitos de sentido entre interlocutores.

Como a ideologia interpela o enunciador e o transforma em sujeito na história e da história, o plano conceitual da AD tem no discurso seu objeto teórico. Contudo, o que se pode compreender sobre discurso em Pêcheux é que este acontece de fato – possui materialidade específica – quando o sujeito histórico, determinado por forças ideológicas, utiliza a língua para materializar o discurso e colocar sentidos em circulação.

Desse modo, a língua é o elemento fundamental na compreensão dos processos discursivos. No entanto, a língua concebida por Pêcheux não se coaduna com a língua da linguística estruturalista, posto que não concerne somente a um sistema abstrato e psíquico presente nas pessoas de determinada sociedade (HENRY, 2010).

As proposições teóricas da ciência linguística produzidas, até então, se limitavam a questionar os significados de textos, verificar suas concordâncias estruturais, entender ideias principais e, no limite, comparar as interpretações feitas. Em um uso alternado entre análise sintática e análise semântica, carente de crítica e indiferente à história. A ciência clássica da linguagem confundia seu objeto com seus métodos.

A partir dessa desordem metodológica, Pêcheux passou a refletir sobre o objeto de uma Ciência cuja língua fosse pensada como uma estrutura aberta. Se considerada um sistema, a língua seria esterilizada para exprimir sentidos determinados ideologicamente, o que anularia sua função.

A AD, como um novo território de análise, fornece os meios necessários para explorar os vazios existentes nas formulações teóricas apresentadas. Com o propósito de mostrar que a superfície discursiva era somente uma das camadas existentes em um discurso, Pêcheux formula o conceito que trata das circunstâncias nas quais é produzido um discurso. Ele dá o nome, a essas circunstâncias, de condição de produção. Desse modo, adiciona a variável

“condições de produção” ao discurso. Assim, abre-se o espaço para a ideologia interferir no processo discursivo. Nesse corpo teórico da análise do discurso, aparece o sujeito.

Para ser sujeito, é necessário que a pessoa seja subjugada às condições de produção. Nesse espaço, a pessoa é submetida ao lugar de onde fala e é interpelada pela ideologia vigente. Surgindo, ao mesmo tempo, a justificativa da construção da prática discursiva. Tal justificativa pode ser entendida como o fator que delimita o espaço do discurso.

O MODO DE AGIR DO ANALISTA DO DISCURSO

Sendo a língua da ordem da incompletude – sensível às mudanças – entende-se que ela é passível de falhas (FERREIRA, 1998). Da mesma forma, o processo de determinação ideológica é um ritual falível. Tais falhas, enquanto materialização da ideologia, são reveladas pela língua, sobretudo, em função do conflito com as forças do inconsciente. É por isso que os sentidos não podem ser censurados ou impedidos de emergirem nas manifestações linguísticas: a falha é constitutiva do ritual (SILVA, 2009).

Na AD, a estrutura da língua é entrecortada por eventos históricos e particulares de cada meio social, o que a torna opaca – de pouca clareza. Com isso, tal opacidade é peculiar à língua e ao discurso. São os frequentes rituais de falhas e brechas, caudatários dos processos de materialização da ideologia no discurso e deste na língua, que tornam, de forma exponencial, a superfície discursiva turva. Eis que, do ponto de vista do analista, uma pergunta clamorosa permeia a análise do discurso: Como analisar um discurso, partindo de uma superfície discursiva opaca (sem clareza) (BRAGA; PEREIRA, 2011)?

O analista do discurso, em um primeiro momento, tenta entender o estatuto da superfície discursiva. Por meio dela, é possível enxergar os elementos que dão acesso ao objeto discursivo e suas relações de contradição. É necessário visualizar as condições de produção nas quais acontece o enunciado do discurso. Assim, os mecanismos discursivos que tornam esse enunciado possível ficam mais claros. A partir de um entendimento dos mecanismos discursivos, o analista consegue enxergar o nível de particularidade que contém esse enunciado, nele o sujeito começa a revelar-se (BRAGA; PEREIRA, 2011).

Diante dessa ramificação chamada sujeito, o analista pode optar por outros caminhos a seguir, a fim de melhor captar os sentidos do enunciado. Esquadrinhar a formação discursiva pode ser uma das formas de aproximar o sujeito da autenticidade (paráfrase), excluindo a possibilidade de muitos significados em uma só palavra (polissemia).

A identificação da paráfrase (lugar de reafirmação ideológica) pode ajudar o analista a depreender a evidência discursiva presente no enunciado, bem como mostrar de que lugar fala esse enunciatador. Dependendo das condições de produção, a evidência discursiva pode passar do pré-construído para o discurso transversal (CAZARIN; CELADA, 2007).

A AD vale-se de uma dialética para a análise de seu objeto. Vai da prática à teoria e retorna à prática, sem determinar generalizações, considerando a singularidade de seu

objeto. Mormente, porque trabalha com a contradição em um movimento dialético (NASCIMENTO JUNIOR, 2000).

Sendo assim, o que diferencia a AD, entre as áreas das ciências humanas, é o procedimento metodológico utilizado. Ele exige um diálogo constante entre o teórico e o analítico. Além disso, torna necessária a descrição e interpretação do objeto de estudo (o discurso ideológico), em constante diálogo, inclusive com questionamento da própria teoria.

Nessa linha de pensamento, a AD pode ser considerada uma área de desterritorialização dos significados. Tendo em vista que ela ressignifica o sentido das palavras (as noções), para que estas sejam utilizadas de acordo com as condições reais (materialidade) encontradas na análise.

ANÁLISE DO DISCURSO NO MEIO ORGANIZACIONAL

A Análise do Discurso concebe entender a ideologia considerando três elementos: sujeito, língua e história. Por analogia, a Cultura Organizacional na Teoria das Organizações pode ser analisada em três eixos: decisor, linguagem própria da sociedade do trabalho e realidade organizacional. Neste paralelo à teoria da AD, a ênfase ideológica recai sobre o decisor, pois ele é interpelado pela ideologia dominante.

A estrutura ideológica ocidental tem sido alvo de críticos como Braverman (1987), Harvey (1992) e Aktouf (2004), entre outros que analisam o papel das organizações neste modo de produção contemporâneo. Muitos alertas foram feitos sobre a existência de um ímpeto de manipulação nas condições de produção existente na tecnoburocracia. Liderada pelo decisor, é a classe que rege a ação humana nas organizações modernas. Nesse sentido, Tragtenberg (1971) explica que a ambiguidade contida na relação tecnologia/trabalho deforma a realidade, justificando-a a partir dos parâmetros de um determinado sistema.

Da relação dialética existente entre dois fatores de produção – segundo a Teoria Econômica – tecnologia (fator Capacidade Empresarial) e o trabalho (fator Trabalho) é que surge o equilíbrio nas práticas organizacionais. Para além da Teoria das Organizações, essa tensão gerada produz o interdiscurso da Administração.

No arranjo dos fatores produtivos, no âmbito da sociedade capitalista, a organização de seus elementos constituintes fica condicionada à vontade imposta por um deles. Desde a segunda Revolução Industrial, até os dias atuais, as regras têm sido ditadas pelo fator Capacidade Empresarial, de acordo com os interesses do Capital (TRAGTENBERG, 1971). Dessa forma, é natural que os “já-ditos” presentes nesse interdiscurso sejam condicionados a uma evidência discursiva constituída pelo Capital. Porém, o discurso dominante, embora funcione a favor da ideologia dominante, possui equívocos e falhas.

O fator Trabalho, entendido na Teoria das Organizações como “recurso humano”, em seu próprio nome já elimina a subjetividade do homem. Ao equipará-lo, em nível de importância, aos demais recursos necessários (uma máquina ou um prédio), acontece o que se chama de

reducionismo. Dessa maneira, todo recurso é nivelado e passível de ser dirigido e controlado, a despeito das falhas no ritual. Contudo, existe a probabilidade de um choque de formações discursivas, dando origem a um discurso transverso na formação ideológica do trabalhador.

Nesse contexto, o trabalhador (fator Trabalho) é subjugado pelo capitalista (fator Capital) via tecnoburocracia (fator Capacidade Empresarial). Essa subordinação do trabalhador ao discurso faz com que este se materialize, cristalizando pré-construídos que legitimem o interdiscurso dominante de maneira natural e recorrente. As ressignificações funcionam sempre em um mesmo sentido, apenas reafirmando e substituindo a anterior.

Um exemplo dessas cristalizações pode ser verificado na prática organizacional cotidiana, segundo a análise linguístico-discursiva, chamar trabalhador de *colaborador* não implica em obter cooperação (FREITAS, 1991).

Isso resulta em um duplo efeito linguístico do trabalho ideológico. No primeiro, a tecnoburocracia afirma aos trabalhadores que os dois são colaboradores mútuos e devem se esforçar para que os objetivos maiores da organização – os dos capitalistas – sejam atingidos com sucesso. No segundo, o trabalhador sente-se (ou, pelo menos, deveria) parte integrante e ativa da organização e, na lógica da razão instrumental vigente, os interesses da tecnoburocracia (Capacidade Empresarial) sobrepõem-se aos interesses organizacionais.

Essa designação (modismo) revela um processo de interpelação ideológica passível de falhas. Os sujeitos que ocupam as posições de “colaboradores” da empresa podem não se identificar com esse lugar criado para fazer circular efeitos mais humanizantes e com menos manipulação. No entanto, um sujeito pode não se identificar com tal posição e negar a cooperação, alienando-se.

Essa possibilidade de negação da ideologia dominante existe e indica que a língua não determina os efeitos de sentido. As reações pessoais escapam à determinação ideológica e a interpretação pode ser qualquer uma, dependendo do processo de identificação do sujeito com a formação discursiva dominante. Nesse caso, a formação discursiva da empresa capitalista, detentora dos meios de produção não garante resultados somente com a vontade parcial.

Esse processo estabelece-se porque o sentido não está na palavra. O sentido não é literal. Na realidade, o sentido está na formação discursiva (nas proposições da moda). Porque uma mesma palavra pode ter sentidos diferentes e depender da interpretação de cada pessoa (formação discursiva com a qual o sujeito leitor se identifica), da mesma forma que palavras diferentes podem ter o mesmo sentido (PÊCHEUX, 2009).

Por fim, sob a égide da Análise do Discurso, entender o porquê de não ser impossível a raridade dos discursos transversos – ou a normalidade dos bons sujeitos – produzidos pelo fator Trabalho fica mais fácil. A formação de um discurso transverso pode ser considerada a centelha para o surgimento de uma organização informal. Nesse meio, onde a exterioridade (ideologia dominante) determina a subjetividade em condições de produção que priorizam a maximização do retorno sobre os fatores de produção, o trabalhador começa a agir por

impulsos egoísticos, despindo-se da ideologia do colaborador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Similar aos organismos *sui generis* das ciências naturais, cada discurso é um corpo com funcionamento particular de acordo com o tecido social onde ele é produzido. Assim, não há lugar para a rigidez de engrenagens em seu interior, embora a sua *forma material* (PÊCHEUX, 2006) seja indicativa de seu acontecimento e estrutura. Sob a óptica da Teoria da Análise do Discurso, na linha francesa de Michel Pêcheux (FERREIRA, 2003; ORLANDI, 2005; ASSOLINI, 2011; BRITO, 2012), o discurso empresarial carece de maior carga tecnológica. Em mesmo sentido, Chanlat e Bedard (1992) explicam que os diversos jargões, isoladamente criados, transformam a organização em uma Torre de Babel. Os autores explicam essa analogia, lamentando que esse estouro criativo de neologismos pseudocientíficos (uma nova língua empobrecida) tenha origem nas Escolas de Administração.

Voltando-se para o cotidiano das organizações, o emprego produtivo da Capacidade Empresarial, operado pelo estrato tecnoburocrático, necessita fundamento conceitual científico para que o arranjo dos fatores de produção, além de ser eficiente, vislumbre o bem-estar coletivo. Reduz-se, assim, a fabricação e intensidade de técnicas de manipulação ideológica, visto que nenhuma pessoa se sujeita à dominação por tempo indeterminado, pois existe um limite para tal condição.

Pêcheux iniciou sua teoria objetivando uma construção quantitativa dos enunciadores. Ele considerava as pessoas como máquinas fechadas de reprodução discursiva. Todavia, foi ao longo de ressignificações que a Análise do Discurso ganhou espaço, estabelecendo-se como uma disciplina que opera em função do conceito de gestos de leitura. Assim, como a Administração, a Análise do Discurso interliga variadas áreas do conhecimento em seu trabalho.

Aplicando essa teoria nas leituras da história, o discurso funciona como um organismo vivo que permite investigar a subjetividade e a exterioridade das pessoas em um grupo social. Para que exista uma interação cooperativa desses atores sociais, é necessário que as formas de atuação política presentes no grupo sejam contempladas na comunicação. De modo equivalente, o fundamento do discurso é uma espécie de corrente sanguínea, onde cada organismo reage às circunstâncias do ambiente a seu modo, no seu ritmo e de uma forma não radicalmente nova, mas sim de modo incremental.

No contexto organizacional, o discurso carece de um objetivo que integre trabalhadores e tecnoburocratas de maneira harmoniosa (FOLLETT, 1997), visto que a condição de assalariamento os aproxima. Para tanto, o discurso dominante do meio empresarial – fala e ideologia – deve ser o principal objeto de investigação da Análise do Discurso. Esse processo visa identificar a diversidade de interesses existentes para compatibilizar objetivos pessoais e organizacionais.

Entretanto, ao vincular a aplicação da Análise do Discurso à Teoria das Organizações, reitera-se que o domínio científico dos conceitos (VALENT, 2013) seja respeitado. O que significa um pré-requisito: aprofundar o aporte teórico disponibilizado nos estudos de Michel Pêcheux para que as evidências das práticas sociais não sejam rejeitadas. Dessa maneira, a alienação ou o sentimento de impotência dos trabalhadores pode ser mitigado. Sugere-se que o tema de novas pesquisas nessa linha teórica multidisciplinar – nas organizações – inicie com foco nas relações de poder e nas redes de comunicação via Análise do Discurso.

REFERÊNCIAS

AKTOUF, Omar. **Pós-globalização, administração e racionalidade econômica: A síndrome do avestruz**. São Paulo: Atlas, 2004.

ALTHUSSER, Louis. **Lênin e a filosofia**. São Paulo: Mandacaru, 1989.

ASSOLINI, Filomena Elaine P. Leitura e formação inicial de professores: sentidos, memória e história a partir da perspectiva discursiva. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 1, abr. 2011.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BRAGA, Sandro; PEREIRA, Tiago Costa. Quando a história cala e o exótico fala: efeitos de sentido da cobertura da Revista Veja na pré-candidatura de Obama à presidência dos EUA. **Ling. (dis)curso**, Tubarão, v. 11, n. 1, 2011.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: UNICAMP, 2004.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: GuanabaraKoogan, 1987.

BRITO, Luiz André Neves de. (Re)Lendo Michel Pêcheux: como a análise do discurso de linha francesa apreende a materialidade discursiva? **Revista Eutomia**, Pernambuco, Ed. 9, ano V, p. 542-562, 2012.

CAZARIN, E. A.; CELADA, M. T. Interdiscurso, pré-construído, discurso transversal e memória. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 3, 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, UFRGS, 2007.

CHANLAT, A.; BEDARD, R. Palavras: a ferramenta do executivo. In: CHANLAT, Jean-François. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 1992, p.125-148.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

CAMPOS, Luciene Jung de. **Imagens à deriva: interlocuções entre a arte, a psicanálise e a**

análise do discurso. 2010. 157f. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Letras, Teoria do Texto e do Discurso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

DORNELLES, Geni de Sales. **Metagestão: a arte do diálogo nas organizações**. São Paulo: Saraiva, 2006.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação. In: ORLANDI, Eni. **A leitura e os leitores**. Campinas: Pontes, 1998.

_____. O caráter singular da língua na Análise do Discurso. **Organon** 35, v. 17, n. 35, 2003.

_____. O quadro atual da análise de discurso no Brasil. **Revista Letras**, Santa Maria, v. 27, n. 2, p. 39-46, jul./dez. 2003.

FLEURY, M. T. L.; FISCHER, R. M. **Cultura e poder nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1996.

FOLLET, Mary Parker. **Profeta do gerenciamento**. Tradução Eliana Chiocheti e Maira Luiza de Abreu Lima. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

FONTANA A. C. C.; SCHROEDER, D. A. C.; LESIKO, S. A. Histórico da subjetividade nos Estudos Lingüísticos. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 30, n. 2, p. 301-316, jul./dez. 2008.

FREITAS, Maria Ester de. Cultura organizacional grandes temas em debate. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 31, n. 3, set. 1991.

GRIGOLETTO, Evandra. A noção de sujeito em Pêcheux: uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, p. 61-67, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

INDURSKY, Freda. Formação discursiva: ainda é possível trabalhar com esta noção? Por quê? Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 2., 2003, Porto Alegre/RS. Anais... Porto Alegre/RS: [s.n.], 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/FredaIndursky.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2014.

LAMPOGLIA, F.; SILVA, J. R. B.; ROMÃO, L. M. S. Da fotografia ao cartum, um percurso de sentidos sobre detentos e deputados. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 156-174, 2010.

LYRA, Cleira Elvira. **Sobre QUEM SOMOS?** Lyra consultores. Curitiba. 2012. Disponível em: <<http://www.lyraconsultores.com.br/sobrequemsomos.html>>. Acesso em: 22 ago. 2013.

MALDIDIÉ, Denise. **A inquietação do discurso** – (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARTINS E SILVA, Vera Regina. **AD de todas as épocas**. Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 1., 2003, Porto Alegre/RS. Anais... Porto Alegre/RS: [s.n.], 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Paineis/VeraReginaMartinsESilva.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

MORGAN, Gareth. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

MOTTA, Fernando Prestes; VASCONCELOS, Isabela Gouveia de. **Teoria Geral da Administração**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

NASCIMENTO JUNIOR, Antônio Fernandes. Fragmentos do pensamento dialético na história da construção das ciências da natureza. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 6, n. 2, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso, imaginário social e conhecimento**. Em Aberto, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994.

_____. Michel Pêcheux e a Análise do Discurso. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, p. 9-13, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

_____. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

PIMENTEL, Renata Marcelle Lara. Tematizando o ritual de linguagem. **Ling. (dis)curso**, Tubarão, v. 10, n. 2, ago. 2010.

SILVA, Renata. Linguagem e ideologia: embates teóricos. **Ling. (dis)curso**, Tubarão, v. 9, n. 1, abr. 2009.

SOUZA, Wellington Pereira; HONÓRIO, Luiz Carlos. Vínculos Organizacionais: examinando a relação entre docentes e uma instituição mineira de ensino profissionalizante. IV ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO

(ENGPR), Brasília, 2013. Disponível em: < http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnGPR/engpr_2013/2013_EnGPR15.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2014.

TRAGTENBERG, Maurício. A teoria geral da administração é uma ideologia? **ERA-Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.11, n. 4, out./dez. 1971.

TEIXEIRA, Marlene. O “sujeito” é o “outro”? : uma reflexão sobre o apelo de Pêcheux à psicanálise. **Letras de hoje**. Porto Alegre, v. 32, n. 1, mar. 1997.

VALENT, Vinicius Dornelles. **Conceitos de Gestão da Inovação**: compatibilidades da linguagem técnica na produção científica veiculada em periódicos brasileiros entre 2008 e 2012. 2013. 102 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Porto Alegre, 2013.

VINHAS, Luciana Iost. **Estruturar a subjetividade e subjetivar a estrutura**: análise de discurso e neurociência na compreensão do processo de constituição do sujeito e do sentido. 2009. 200f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2009.

VOLPE, Galvano Della. **A lógica como ciência histórica**. Lisboa: Edições 70, 1984.

ZANDWAIS, Ana. A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação: um contraponto entre saberes e práticas. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005.

**Vinicius
Dornelles
Valent**

Mestre em Administração de Empresas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professor Titular de Administração das Faculdades QI.

**Luciana Iost
Vinhas**

Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Mestre em Letras pela Universidade Católica de Pelotas – UCPEL. Professora Assistente de Letras da Universidade Federal de Rio Grande – FURG.